

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA BEBÊS

Nádia França Honório da Silva¹

Sonia Maria Packer Hubler²

RESUMO

Este trabalho surgiu com o intuito de compreender a importância da leitura para os bebês, para além de uma precoce formação do leitor. Para atingir o objetivo proposto, buscou-se reunir informações por meio da pesquisa bibliográfica, a partir de autores como Vygotsky (1996), Reyes (2010), Tussi e Rosing (2009), López (2016), entre outros. Pode-se concluir, então, a partir de Vygotsky, que o homem só se faz humano na relação com o mundo/cultura por meio da interação com o outro. A aprendizagem é uma experiência social, que ocorre pela intervenção de instrumentos e signos. Assim sendo, entende-se que, através da interação do adulto com o bebê por meio da leitura, será intensificado o processo de humanização. Nesse contexto, o livro surge como um instrumento que, fazendo uso de signos (linguagem), contribui com o processo de humanização da criança, transformando-a em um ser social, cultural e histórico.

Palavras-chave: Leitura para bebês. Mediação. Literatura Infantil.

ABSTRACT

This work deals with the importance of reading for babies. The present study emerged in order to understand how babies process reading, also looking for clues to identify the best way to read, so that reading becomes meaningful for little ones. To achieve the proposed objective, we sought to gather infor-

¹ Faculdade UNINA. Licenciada em Pedagogia. **E-mail:** nadiabelieber72@gmail.com

² Professora da Faculdade UNINA. Mestre em Linguística de Língua Portuguesa. **E-mail:** sonia@unina.edu.br

mation through bibliographic research, from authors such as Vygotsky (1996), Reyes (2010), Tussi and Rosing (2009), López (2016), among others. It can be concluded, then, from Vygotsky, that man only becomes human in the interaction with the world / culture through the interaction with the other. Learning is a social experience, which occurs through the intervention of instruments and signs. Therefore, it is understood that, through the interaction of the adult with the baby through reading, the humanization process will intensify. The book then emerges as an instrument that, using signs (language), contributes to the child's humanization process, transforming it into a social, cultural and historical being.

Keywords: Reading for Babies. Mediation. Children's literature.

Introdução

É comum acreditar que a leitura é um ato essencialmente individual, que ocorre por vontade própria, porém estudos têm evidenciado que não há uma idade específica para iniciar essa atividade. Esse processo pode ser ativado até mesmo antes de a criança sair do ventre materno. O recomendável, inclusive, é que isso ocorra o mais cedo possível.

O hábito dos pais de ler em voz alta para os bebês antes e logo após o seu nascimento traz importantes contribuições para o seu desenvolvimento. A leitura, além de fortalecer a relação afetiva entre os envolvidos, resulta em muitos benefícios para a criança, os quais ainda são desconhecidos da grande maioria dos pais e educadores. Daí a importância de estudos que ressaltem não só as vantagens da leitura precoce, mas que também revelem como esse processo funciona.

O procedimento metodológico utilizado nesta pesquisa foi a revisão bibliográfica. As fontes são obras de estudiosos da área, como Vygotsky (1996), Yolanda Reyes (2010), Tussi e Rosing (2010), López, Guimarães (2016).

A importância da leitura para bebês

Quando se fala em leitura na Primeira Infância, é comum que surjam alguns questionamentos, pois as crianças pequenas ainda não sabem ler, os bebês não falam e muitas vezes imaginamos que eles não estão prestando atenção numa história lida ou contada.

Na realidade, quando as crianças chegam ao mundo, elas já leem, pois mantêm contato com a língua materna e, a partir dela, começam a construir sentidos aos infinitos estímulos que as cercam, de acordo com sua cultura e a vida biológica (LÓPEZ, 2016). A leitura aqui é entendida em seu sentido amplo, como o ato de dar sentido ao mundo e a tudo o que o constitui. Essa também é a percepção de Silva (2011), a qual destaca que esse processo de compreender o mundo envolve características específicas do homem, de acordo com sua realidade social e cultural.

No entender de Winnicott (1993), citado por López (2016), os cuidados que os pais, mais comumente a mãe, têm com o bebê, relacionam-se de forma essencialmente profunda com a aprendizagem da leitura, no sentido de leitura do mundo, da vida e de si mesmo. Assim sendo, destaca-se que a leitura, no início, não se limita ao ato de ler livros, é entendida como a leitura que o bebê faz, por exemplo, do corpo da mãe ou de quem exerce a maternagem, dos seus gestos, da sua voz, do seu colo. Tudo isso são páginas que “oferecem à criança a letra da vida, de sua vida” (LÓPEZ, 2016, p. 18).

Embora essa primeira leitura vá além dos livros, a leitura literária propriamente dita também é indicada aos pequenos para ajudá-los a dar sentido às coisas. Segundo Cabrejo Parra (2001), citado por Reyes (2010, p. 17):

Não lemos textos para as crianças a fim de que se convertam em grandes leitores, e sim porque sabemos que essas leituras permitem que elas determinem algo fundamental para si: a descoberta de que os textos são coisas que têm um sentido, uma pluralidade de sentidos, e que cada sujeito deve trabalhar um pouco para chegar a construir o sentido em seu espírito.

De acordo com a citação acima, atribui-se à leitura uma função até mais

importante e primordial do que a de criar leitores. Ademais, é “por meio da leitura que a criança descobre outro mundo, onde ela pode também sentir emoções importantes como a tristeza, a raiva, o bem-estar, o medo a alegria, entre outras” (ABRAMOVICH, 1989, p. 17).

Devido à escassez de estudos tratando especificamente da leitura para bebês, sentiu-se a necessidade de buscar em outras áreas, que não a literatura, pistas que nos permitissem aprofundar essa relação. Assim sendo, lançamo-nos no campo da psicologia e trazemos à cena alguns conceitos do renomado pensador bielo-russo, Lev Vygotsky. Recorremos a esse estudioso principalmente por sua seriedade e consistência teórica e também pelo fato de grande parte de seus estudos sobre o desenvolvimento humano focarem a infância. Assim, nossa pretensão é fazer uma aproximação entre o tema deste trabalho e alguns pressupostos de Vygotsky.

Nesse sentido, destacam-se três ideias centrais do pensamento de Vygotsky:

- as funções psicológicas têm um suporte biológico, pois são produtos da atividade cerebral;
- o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior, as quais desenvolvem-se num processo histórico;
- a relação homem/mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos. (KOHL, 1993, p. 23).

A partir desses três pilares básicos, é possível compreender que, para Vygotsky, o desenvolvimento tem o papel de converter o plano biológico no plano social, de acordo com a cultura a que o indivíduo pertence. Assim sendo, na concepção desse autor, o ser humano não nasce humano, mas com potencialidades de se tornar humano. Contudo, só se humaniza à medida que se apropria das qualidades humanas ao se relacionar com o meio social e com os objetos da cultura criados e desenvolvidos pelos próprios homens ao longo da história.

Nesse sentido, para Vygotsky (1996), o ser humano, quando nasce, já está envolvido em um ambiente social, cultural e histórico e é justamente por isso que o bebê sobrevive. “Mas a dependência do outro, a aparente condição de

inferioridade do bebê humano, em vez de perda, representa enorme ganho e meio de desenvolvimento, porque possibilita relações sociais educativas” (PINO, 2005, citado por GUIMARÃES 2016, p. 54).

Dessa forma, Vygotsky (1996), citado por Mello (2015, p. 3) destaca que:

[...]o primeiro ato humano em relação a uma criança recém-nascida – de alimentá-la ao colo – cria nela uma necessidade nova, uma necessidade não biológica, mas social e histórica: a necessidade do outro, o prazer do aconchego. Para o autor, a criança pequenininha convive com uma forte contradição: sua situação social de desenvolvimento é marcada, por um lado, pela máxima necessidade do outro e, por outro lado, por uma ausência ainda dos meios fundamentais da comunicação social sob a forma da linguagem humana.

Ou seja, o bebê necessita do outro (mãe/adulto cuidador), mas não tem linguagem verbal desenvolvida para manifestar suas necessidades. Assim, mantém uma comunicação sem palavras com o adulto, uma comunicação um tanto peculiar (VYGOTSKY, 1996). Ele começa a se comunicar com a mãe, primeiramente, por meio das emoções.

Em outras palavras, como um ser biológico, as funções psicológicas do bebê, em um primeiro momento, são meros produtos da atividade cerebral. Isto é, os bebês, quando nascem, ainda que já estejam inseridos em um ambiente social, cultural e histórico, não são considerados seres humanos em sentido estrito, pois agem de acordo com suas necessidades biológicas, assim como um animal (KOHL, 1993). Para que se diferenciem dos animais, é necessário que construam sua humanização e, para isso, são necessárias as interações com outras pessoas. Os laços sociais são determinantes para a construção da linguagem e da comunicação, de acordo com o ambiente e a cultura em que o indivíduo está inserido.

Nesse sentido, cabe então à mãe interpretar as emoções do bebê, e ela se esforça para compreender, por exemplo, seu choro, atribuindo a ele diferentes sentidos, como quando ele está com fome, ou precisa trocar a fralda, até mesmo quando está com sono. Essa interação entre mãe e bebê fornece a ele a base necessária de que precisa para aprender a se comunicar, introduzindo-o aos

poucos no mundo das palavras, através das interações (REYES, 2010).

A respeito do desenvolvimento dessa relação da mãe com o bebê, Guimarães complementa que:

Desde os primeiros instantes da existência, diferentes mecanismos culturais entram em ação, conferindo ao movimento do bebê um caráter cada vez menos automático e cada vez mais imitativo e deliberativo. Então, choros, sorrisos, deslocamentos e olhares são interpretados pelos adultos, criando comunicação. Esse seria o nascimento cultural do bebê. A forma natureza (reflexos, movimentos fortuitos, balbucios, etc.) adquire um novo modo de existência quando ganha significação nas relações interpessoais. Ou seja, no início, a função sensorial e a função motora constituem o primeiro circuito de comunicação das crianças com os outros. Podemos vê-las trocando objetos, olhares, muitas vezes de forma casual e contingente. Ao entrar em funcionamento, esse circuito coloca as crianças numa rede de relações onde suas ações vão ganhando significação, de acordo com a tradição cultural do seu grupo. Pouco a pouco, ganham intencionalidade, sentido e direção (GUIMARÃES, 2016, p. 54-55).

Constata-se, então, que a comunicação vai sendo construída gradativamente, os movimentos do bebê deixam de ser automáticos e cada vez mais se tornam intencionais, tudo de acordo com a cultura em que está imerso e a partir da relação dele com outras pessoas, ou seja, a necessidade deixa de ser biológica e passa a ser uma necessidade social.

Vygotsky defende que não há uma relação direta entre o homem e o mundo, mas uma relação mediada. Mediação, conceito fundamental para a compreensão do funcionamento psicológico, pode ser definido como “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (KOHL, 1993, p. 26).

Um exemplo do conceito de mediação é quando um indivíduo coloca a mão perto do fogo de uma vela e a tira rapidamente, pois sentiu dor. É estabelecida então uma relação direta entre o calor do fogo e o ato de retirar a mão. Porém, se o indivíduo tirar a mão no momento em que sentir o calor do fogo e se lembrar de que sua mão doeu antes, a relação entre o fogo da vela e o ato de tirar a mão estará sendo mediada pela lembrança. Em outro caso, se outra

pessoa disser ao indivíduo que ele pode se queimar e o indivíduo tirar a mão de perto do fogo, a relação estará sendo mediada pela intervenção dessa outra pessoa (KOHL, 1993).

Sendo assim, o desenvolvimento da estrutura cognitiva humana é um processo que se dá na apropriação da experiência cultural e histórica. As formas de pensamento são originárias das interações sociais, sempre orientadas por um adulto e algumas vezes por crianças mais experientes (VYGOTSKY, 1996). Vygotsky destaca que, entre o mundo real e o homem, existem elementos mediadores, sendo eles: os instrumentos e os signos.

Basicamente, como explica Kohl (1993), o instrumento é criado ou usado especialmente para o alcance de um objetivo. É um objeto social, portanto, mediador da relação entre o indivíduo e o mundo. O livro pode ser interpretado como um instrumento, pois é um objeto mediador entre o indivíduo e a cultura, ou seja, entre o indivíduo e o mundo. Num primeiro momento, como no caso dos bebês, esse instrumento, que ajuda a dar sentido ao mundo, necessita da mediação do adulto (pessoa alfabetizada). Com o passar do tempo, esse instrumento poderá ser usado com mais autonomia pelo indivíduo, possibilitando-lhe adentrar o mundo da escrita e ampliando-lhe as possibilidades de significar o mundo ao redor.

Nesse sentido, Brito (2010) destaca que a leitura, além de ser uma atividade prazerosa, possibilita ao leitor criar e obter conhecimentos e assim construir aos poucos uma nova visão do mundo. Dessa forma, o leitor é o responsável por criar uma relação entre a fantasia dos livros e a realidade do seu meio social. “A criatividade, a imaginação, o raciocínio se sobrepõem diante desse magnífico cenário, criando um palco de possibilidades” (BRITO, 2010, p. 10).

Além dos instrumentos, Vygotsky aponta os signos como elementos mediadores: “podem ser definidos como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos e situações” (KOHL, 1993, p. 30). Ou seja, a palavra “livro”, por exemplo, é um signo que representa o objeto livro; o símbolo 4 é um signo que indica a quantidade quatro; o desenho de uma mulher na porta de um banheiro é um signo que indica “aqui é o banheiro feminino” (KOHL, 1993, p. 30).

Portanto, a mediação simbólica se refere à intervenção de signos na relação do homem com o psiquismo de outros homens, ou seja, “mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano foi construído a partir de sua relação com o indivíduo”. (RABELLO; PASSOS, 2006, p. 2). A linguagem é um sistema de signos, é um meio de contato social com outras pessoas. Para Vygotsky, signos são meios que auxiliam/facilitam uma função psicológica superior (atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos etc.), sendo capazes de transformar o funcionamento mental.

De acordo com López (2016), o psiquismo é construído quando transformamos as primeiras percepções sensíveis em uma informação que tem relação justamente com a linguagem de outros indivíduos, quando aprendemos a linguagem, quando aprendemos a pensar e a nos expressar. Nesse sentido, só é possível aprender porque há um constante contato com a cultura por meio da interação com o outro.

Segundo Vygotsky e Luria (1996, p. 184), os processos mediados são capazes de reconstruir o comportamento e para isso utilizam os signos como principais estímulos. Sendo assim, o homem só aprende a partir das experiências adquiridas através da mediação de instrumentos e signos, e pelas trocas com outros indivíduos. Isso acontece, por exemplo, quando os pais ou cuidadores realizam um momento de leitura com os bebês. Esse adulto (sujeito mediador), com um livro (instrumento mediador), por meio de textos (compostos de signos, elemento mediador) intensificam a inserção do bebê na cultura, propiciando-lhe uma experiência significativa.

Nesse sentido, é possível afirmar que quanto mais precoce for o contato do bebê com a cultura por meio da literatura, mais a humanização ocorrerá de forma efetiva. As experiências adquiridas através das interações com as pessoas com quem o bebê convive podem ser enriquecidas por meio da leitura, mas isso exige a mediação do outro (pais/adulto cuidador).

Estudos evidenciam a importância de a mãe cantar ou ler para o seu bebê desde a gestação, até depois do seu nascimento. “As crianças são receptivas, elas podem ser consideradas um leitor poético ou, mais exatamente, um ouvitor poético desde o começo da vida, e que seu encontro primordial com a

literatura pela poesia se baseia no ritmo, na sonoridade e na conotação” (REYES, 2010, p. 33).

Como já citado, é evidente que, na fase inicial da vida (Primeira Infância), os bebês ainda não têm autonomia e, por isso, a mediação da leitura se torna essencial, não só para a apropriação da linguagem e da comunicação, mas também para a ampliação da imaginação e, principalmente, para uma rica e abrangente inserção no mundo da cultura.

Nesse sentido, Machado (2002) destaca que, ao ler histórias para a criança desde cedo, os pais ou adultos cuidadores a iniciam no mundo da linguagem, proporcionando também a aprendizagem de valores, auxiliando na criação de ideias e na compreensão de seus sentimentos. Assim, contribuem para a formação cultural da criança, como pessoa e principalmente como cidadão.

Nesse contexto, o adulto assume o papel essencial de sujeito mediador, criando um espaço provocador de experiências, para enriquecer a atividade das crianças. Assim, o adulto se torna responsável por criar mediações entre a cultura e a criança (MELLO, 2006, apud PELEGRINI; ANDRADE, 2018).

Nessa direção, destaca Vygotsky (1996) que a mediação ocorre pela intervenção precoce da leitura, que contribui a longo prazo com a cognição da criança, assim como favorece a relação afetiva da mãe com o bebê, confirmando então a importância da leitura.

Sendo assim, quando acontece a mediação entre a criança e a literatura o mais cedo possível, como no caso do bebê, ele aprende a se comunicar através da relação com o outro, fortalecendo também a relação afetiva entre mãe e filho. A literatura possibilita ao bebê compreender seu corpo, suas emoções, enriquece suas experiências, bem como instiga a conhecer o mundo e a si mesmo, humanizando-o.

Reyes (2010), de uma forma poética, corrobora essa ideia ao afirmar que: “há uma justificativa para incluir a formação literária no baú familiar de nossas crianças, como alternativa de nutrição emocional e cognitiva e como equipamento básico para habitar mundos possíveis na medida de cada ser humano” (REYES, 2010, p. 14).

Dessa forma, o ato de ler ou ouvir histórias pode ser entendido como uma

das formas mais eficazes de crescimento emocional e cognitivo. A leitura se torna ainda mais importante nos primeiros anos de vida e até mesmo antes do seu nascimento, quando a criança já é capaz de reconhecer a mãe pela voz.

Conforme Reyes (2010), em seus últimos meses dentro do útero, o bebê já sabe distinguir a voz da mãe, reconhecendo então a melodia e os ritmos das palavras. Quando o bebê nasce, a mãe conversa com ele como se ele a entendesse, “trata-se de outro ato de inscrição no universo simbólico que opera como uma espécie de boas-vindas ao novo mundo” (REYES, 2010, p. 29).

É no início da vida que as conexões neurais estão se formando, assim ocorre uma aprendizagem mais significativa, fazendo desse período essencial para manter circuitos neurais estabelecidos através da história individual da criança (TUSSI; ROSING, 2009).

Esse momento é perfeito para que os pais ou cuidadores criem hábitos de brincar, cantar e contar e ler histórias para os bebês, mesmo que, por alguns minutos ao dia, pois pode enriquecer suas experiências. Além disso, é possível estimular dimensões cognitivas, neurofisiológicas, simbólicas e afetivas através de uma forma lúdica de leitura com a criança. Isso permite que ocorra a socialização e promove a independência da criança (TUSSI; ROSING, 2009).

Essas autoras ainda ressaltam que, além desses motivos, uma ação de leitura abrangendo os pais envolve emoção, não somente a razão. Essa emoção define o tipo de ação, o valor do que é dito e a responsabilidade do que é feito (TUSSI; ROSING, 2009, p. 141).

Assim sendo, as atividades mediadas possibilitam que o conhecimento evolua para um nível superior e, através da interação recíproca, juntos, pais e bebês, transformam-se em leitores.

Considerações finais

É na relação com o adulto que o bebê começa a se comunicar, através do choro e do balbucio, ou seja, através das emoções. Cabe então principalmente à mãe interpretar o que o bebê diz à sua maneira. Dessa forma, ele é inserido aos

poucos no mundo das palavras. Esse momento é ideal para que sejam iniciadas práticas de leitura com os bebês.

Por meio dos estudos realizados para esta pesquisa, compreendeu-se que, entre a criança e o mundo, não há uma relação direta, mas mediada por elementos que auxiliam a atividade humana: os instrumentos e os signos. Nesse contexto, o livro pode ser considerado um elemento mediador, por ser um instrumento que faz uso de signos (linguagem).

O contato dos pequenos com a literatura por meio da leitura mediada não só estreita as relações afetivas entre mãe/adulto cuidador e bebê, como contribui para seu processo de aquisição da linguagem e desenvolvimento cognitivo. Além de ampliar a imaginação, possibilita a ele conhecer o seu corpo, expressar suas emoções, enriquecendo suas experiências. Através das histórias, o bebê adentra o mundo cultural, podendo conhecer, por exemplo, etnias, costumes, vestimentas... ainda que não entenda de fato o que tudo isso significa.

Portanto, se, para Vygotsky, o homem só se faz humano na interação com o mundo/cultura pelo contato com o outro, e a aprendizagem é uma experiência social que ocorre pela intervenção de instrumentos e signos, entende-se que é através da interação do adulto com o bebê por meio da leitura, que ele intensificará seu processo de humanização. O texto literário surge então como um importante instrumento que auxiliará na transformação do bebê em um ser social, cultural e histórico.

Referências

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BRITO, Danielle S. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**, Guarujá, n. 8, p. 1-35, jun. 2010.

GUIMARÃES, Daniela. **Bebês como leitores e autores**. 1º Ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.

KOHL, Marta. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

LÓPEZ, María E. **Bebês como leitores e autores**. 1º Ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.

MACHADO, Ana M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**, Ed. Rio de Janeiro, 2002.

MELLO, Suely A. Contribuições da Teoria Histórico-Cultural para a Educação da Pequena Infância. **Revista Cadernos de Educação**, São Paulo, n.50, p. 1-12, jan.2015.

PELEGRINI, Caroline Silva, ANDRADE, Lizbeth Oliveira. O desenvolvimento humano na infância: As contribuições de Vygotsky para a educação infantil. **Revista científica eletrônica da pedagogia**. São Paulo, n. 31, p. 1-8, jul. 2018. Disponível em:http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/BMMBqOOrjCpITCN_2018-10-27-9-6-8.pdf Acesso em: 20 set. 2020

RABELLO, Elaine, PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Rio de Janeiro, 2006.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: Leitura e literatura na primeira infância**. 1º Ed. São Paulo: Global, 2010.

SILVA, José Aroldo. Discutindo sobre leitura. **Revista de estudos linguísticos e literários do curso de letras- UNIFAP**, Amapá, V.1, n.1, p.23, jan. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/326/n1jose.pdf> Acesso em: 19 out. 2020.

TUSSI, Rita de Cássia. ROSING, Tania M. K. **Programa bebê lendo: uma intervenção precoce de leitura**. 1º Ed. São Paulo: Global, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L.S. LURIA, Alexander. R. **Estudo sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.